

O CORPO NA TINTA OU A TINTA NO CORPO?**NARRATIVAS A PARTIR DO ENCONTRO ENTRE CRIANÇAS E ADULTOS**

Ana Cristina Swarowsky knipphoff da Cruz ¹

Universidade de Santa Cruz do Sul

Tatiana Rodrigues da Rocha ²

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo Temático 1 - Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação

O presente trabalho emerge a partir das vivências e reflexões no encontro entre crianças e adultos, e na intenção de compor uma interpretação narrativa no percurso desta vivência com as crianças, encontrarmos na escrita, no movimento entre as palavras, novos significados, novos caminhos. A escrita, neste sentido, significa movimentar-se em torno da experiência por nós vivida. Não chegamos a conclusões, nem as buscamos. A escrita se desenhou como um caminho com suas fraquezas e forças que tornou possível que esta experiência em nós acontecesse.

A escrita nos fez refletir, produzindo sentidos e criando realidades. Escrever é uma forma de estar em linguagem, de estar aderida com e no mundo, e por estar em linguagem ao fazer nos transformamos. Assim o que transcorremos aqui, não é um processo cumulativo do percebido, antes é a metamorfose do corpo que “extrai uma aprendizagem ao forjar pensamento na abertura de começar algo no mundo: um gesto, uma palavra, uma interrogação, uma marca” (RICHTER, 2002, p.13), uma escrita. Em Bachelard (1996), a metamorfose é o meio de concretizar de imediato um ato vigoroso: a conquista de outro movimento, outro tempo. Só mudamos em nós o que em nos permanece: aquilo que tem razões para recomeçar. O que não muda, morre, cristaliza. A metamorfose permanece na mudança, no corpo operante que sente e faz mediante suas rupturas e suas discontinuidades nas experiências dos seus erros retificados. Aqui, tornou-se para nós relevante considerar com Bachelard (1988, p. 85) que “uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Essa infância, aliás, permanece como uma simpatia de abertura para a

1 Especialista em Desenvolvimento Infantil, pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Graduada em Pedagogia pela mesma Universidade.

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Graduada em Pedagogia pela mesma Universidade.

vida”.

É interessante pensar que as imagens de infância permanecem em nós mudando, surgindo como história toda vez que contamos, iluminadas em sua existência poética. Ao estar com as crianças, sonhamos a criança que fomos nos reencontrando e sentindo o mesmo de outro modo, ou de um modo muito semelhante.

A infância nos faz começar o mesmo de um jeito diferente. No momento em que acompanhamos um processo de uma criança, percebemos que é a melhor e mais sólida maneira de entrar com mudanças e transformações sociais. Encontramos ali, os começos da linguagem.

As crianças possuem um corpo produtor de história e cultura, um instrumento para realizar sonhos, uma potência e força. Assim como a criança narra, ainda que um vocabulário restrito, o corpo dela também revela todo o seu processo numa linguagem bem mais intensa e universal. Wallon (1942) toma o corpo como ponto de partida e constrói uma teoria que contempla a integralidade do desenvolvimento humano. Desde muito cedo as crianças se comunicam e se colocam em relação com o mundo através de seu corpo. Toda esta perspectiva está para além de um simples ato motor, sendo uma das formas de se expressar em relação aos seus sentimentos emoções e pensamentos. Quando dizemos que a criança é um corpo, todas as dimensões estão presentes. Então ela não tem somente um corpo, ela é este corpo por inteiro no sentido da vivência integral, pois não tem o corpo separado da mente.

A criança no ato de manipular a tinta é desafiada pela expectativa de transformá-la e constituir possibilidades de agir. A criança investiga a superfície colorida, e ao investigar, imagina. Nada substitui a vibração, a sensualidade, a taticidade e a provocação da matéria.

O que nos mobilizou a escrever é o desafio de aprender a pensar com os que estão entrando em linguagem. O que emergiu do encontro entre crianças pequenas, adultos e a tinta?

Em nossa concepção, viver experiências com as crianças significa intencionalmente planejar e organizar o espaço, o tempo e as materialidades. A intenção, é na repetição destas condutas a cada encontro, favorecer que as crianças possam se sentir encorajadas a ensaiar gestos no mundo.

As crianças já esperam ansiosas este momento. O espaço já havia sido planejado e preparado. A tinta é sempre um convite para ação. Quando as mãos tocaram a tinta aconteceu o inesperado. Primeiro uma cor encontrou a outra. E as cores, com a ação das crianças, transformaram-se em outras cores. A mistura já não estava somente no papel, a mistura

espalhou-se pelo corpo, um corpo em constante transformação, que tem que aprender a participar das coisas do mundo pela tomada de decisão de iniciar a ação gestual e material que faz aparecer algo que configure a captura do agir enquanto execução transformadora e transfiguradora do corpo sensível capaz de fazer ser o que não é. É neste fazer e no pensar sobre este fazer com tinta que, a criança constituirá sua linguagem na modalidade da pintura. Assim como em qualquer outra modalidade visual.

Aproximar a experiência e a educação da infância é sublinhar a importância da intencionalidade pedagógica em favorecer acontecimentos de maravilhamento, surpresa e estranhamento. O que emergiu deste encontro foi a capacidade de as crianças serem desafiadas a estabelecer outras relações, outros nexos, outras conexões, outras sensações. Deste ato emergiu a alegria, a surpresa, o riso desmedido, a agitação do e no corpo, a excitação. A alegria se instalou e foi impossível permanecer imóvel.

Assim, objetivamos nesta escrita, pensar a infância em diferentes tempos e espaços potencializando a sua ação com e no mundo, buscando romper a cisão entre corpo e mente a qual requer uma docência que preze por uma infância compreendida como o lugar dos começos. Uma docência que envolva as crianças no esforço do ato de aprender a operar diferentes modos de estar em linguagem, incorporando o mundo no qual vivem, transformando e construindo significados. Problematizamos o encontro entre as crianças e a tinta, em seu poder de redimensionar nossa relação sensível com as coisas e com o espaço que nos enlaça, que provocou nas crianças situações que as desafiaram a tomar decisões, ou seja, a ter iniciativa em ações ainda não previstas em modelos e experimentos. Entendemos que, convém ressaltar a relevância desta iniciativa que está relacionada ao sentido dado pela criança no tempo de operar a materialidade. Aqui a alegria advém justamente do desafio de transformar a manipulação da tinta em significados coletivos compartilhados através do encontro.

Palavras – Chave: Infância; linguagem; corpo; criança.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

RICHTER, Sandra R. S. **Experiência poética e linguagem plástica na infância**. 30º Anped, 2012. Disponível em: http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3538--Int.pdf/
Acesso em: 18 de abril de 2019.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Portugal - Edições 70